

a crise europeia

de ABEL SALAZAR

Conclusões principais

O rápido esboço feito nos artigos precedentes conduziu-nos a duas conclusões principais, a saber:

1.º—Que a Europa se encontra no início da sua decadência histórica, como civilização, no começo do período europeístico;

2.º—Que o período europeístico, como os seus análogos da história, se caracteriza entre outros factos, pela coexistência de processos de decomposição, de desagregação, e outros que são os prelúdios do futuro sistema histórico. Por vezes o mesmo processo é alternadamente, conforme o ponto de vista, processo de decomposição e prelúdio de novo sistema.

Estas duas conclusões parecem-nos importantes e dignas de serem postas em relevo, pelas múltiplas consequências que delas resultam. São essas consequências que vamos indicar rapidamente.

Em primeiro lugar o juízo que devemos formular sobre o actual momento não pode ser condenatório ou exaltativo: a Crise é um fenómeno normal na vida dos sistemas históricos, integrado numa série geral de fenómenos análogos, os períodos de decadência dos sistemas históricos.

Qual a causa da decadência dos sistemas históricos? Ela está implícita nos períodos antigos do sistema, período adulto, período juvenil, período embrionário. A causalidade é de ordem mecânica, e como tal, cada momento do sistema, em sua evolução é a consequência dos momentos anteriores. Pôr o problema da causa do fim do Mundo Antigo, com o espirito em que habitualmente é colocado, é um vãosenso, tal como seria pôr a causa da velhice de um organismo, partindo da ideia que esta velhice, ou a morte, é um fenómeno extraordinário, desarticulado do mundo, fora da ordem do mundo. A causa da velhice está implícita na mecânica da vida, como a causa da morte; a causa de decadência dos sistemas históricos está implícita na própria mecânica destes sistemas.

Não podemos tratar desta questão à face das mecânicas actuais, porque o desnível entre as ciências históricas, na realidade apenas proto-ciências, e as ciências físicas o não permite. Temos de nos contentar com o guia e conceitos da mecânica clássica.

A este respeito giramos em torno de uma dificuldade hoje ainda insuperável: a irreductibilidade de Tyndall. Esta impõe ao tratamento destes problemas e análogos, limitações que seria absurdo actualmente transpor; em tal caso seríamos levados a situações puramente artificiais e illusórias.

Como dissemos já, o próprio tratamento das questões no sentido que tem sido feito nestes artigos é condicionado por todas as reservas que a irreductibilidade de Tyndall nos impõe, e pela separação que ela praticamente estabelece em ciências propriamente ditas e proto-ciências.

Em suma, o problema da causa das decadências tal como habitualmente é posta é um pseudo-problema, um problema sem sentido. Há em seu fundo uma miragem metafísica, mística ou teológica, ou uma transposição de conceitos para um terreno indefinido.

Causa da decadência só pode ter sentido assim colocada: qual é o estado do sistema histórico, que conduz logicamente ao período de decadência?

A causa da decadência está pois no período áureo, como a deste está no período medievo, como a deste está na fusão de povos e elementos que lhe dá nascimento. Isto nada tem que ver, evidentemente, com a morte possível por incidência de um factor externo, por um cataclismo, e outras hipóteses:—epidemias, guerras, etc., etc. O que interessa, sob o ponto de vista bio-mecânico, com efeito, é a causa interna, não uma causa externa accidental.

No caso actual, não temos pois que procurar para o período europeístico uma causalidade misteriosa, e fora dos fenómenos: a causa da Crise europeia é o período adulto da sua civilização, ou melhor, está contida, implícita, nesse período.

Não há em resumo Crise; há a entrada no período europeístico, período de decadência absolutamente normal.

Todas as habituais apóstrofes e lamentos são, pois, sob este ponto de vista, deslocados, bem como tudo o que se refere ao período que acaba de terminar. Temos apenas de

entrar, quanto possível, na consciência dos fenómenos, e proceder em harmonia com essa consciência.

No estudo de apreciação dos factos políticos, sociais, intelectuais, artísticos, literários, morais, emocionais, místicos, económicos, etc., etc., não devemos esquecer as condições de momento histórico em que estão integrados, isto é, o ponto da curva atingido pelo sistema europeu.

Mas o que sobretudo resulta das conclusões formuladas é a seguinte consequência moral:

Todos os nossos actos, integrados nos conflitos complexos do momento actual, se concorrem por um lado para acentuar a desagregação do sistema, concorrem por outro para esboçar o sistema futuro. Estamos liquidando e, ao mesmo tempo, esboçando uma nova civilização.

Simplemente esta civilização só virá a definir-se numa data muito distante. Recordemos a grande extensão habitual dos períodos de decadência e de formação dos sistemas históricos.

O que seja, por uma forma definida, essa nova civilização, esse novo sistema histórico, é-nos absolutamente impossível dizer. Nem sob o ponto de vista político, nem sob o ponto de vista social, artístico, literário, intelectual, moral, etc., podemos formular qualquer hipótese, esboçar qualquer desenho. Lembremos que as previsões feitas após-guerra faliram por completo; e no entanto o problema era bem mais simples e referente a um futuro imediatamente próximo.

As Utopias—quaisquer que elas sejam—são pois estereis, simples miragens: e o homem não se deve deixar iludir por elas, mas sim entrar na consciência positiva da situação.

Estamos pois colocados entre um Passado historicamente definido, isto é, entre Fórmulas e Símbolos que foram definidos por longa evolução no tempo, e um Futuro impossível de definir. Daí toda uma série de consequências. Os que se apoiam no passado encontram a seu favor além das forças constituídas, a nitidez e precisão das ideias, das fórmulas, dos símbolos; aqueles que tendem para o futuro, a imprecisão e a bruma. Mas os primeiros têm contra si a morte histórica das fórmulas e símbolos; os segundos têm a seu favor as forças da vida construtora. Os primeiros e os segundos dispõem de elementos positivos e negativos; da soma e conflito de todos estes elementos surge a resultante que se dirige para o futuro decompondo o passado. E' isto que define o presente.

De tudo isto resulta, automaticamente, a directriz própria de cada um, pois cada um é pela sua própria estrutura e super-estrutura, como tipo humano, uma força integrada no conjunto de forças. Basta pois que cada um seja o que é—conclusão moral e normativa que nos aparece como um desconcertante tonismo. Mas que no entanto não o é, pois que este ser como é tem de ser interpretado com justeza.

Não somos, embora tais sejam as aparências, com tudo isto conduzidos a um fatalismo: porque este fatalismo não tem sentido algum.

Em primeiro lugar porque todos os nossos Ideais, Utopias, Miragens, e coisas análogas, fazem parte integrante do conflito de forças históricas, e integram-se na sua mecânica. Os próprios fanatismos e místicas são forças desse género, talvez indispensáveis.

Em segundo lugar porque, é fundamental seguir na torrente sem disso ter consciência, ou ir derivando na plena consciência das forças em acção e da mecânica do movimento.

Três atitudes são possíveis a um homem que num barco é levado por um caudal de águas. Ou se deixa conduzir por um fatalismo cego, fechando os olhos; ou faz Utopias e Miragens sonhando acordado, sem examinar as realidades; ou finalmente, observa, analisa e estuda, e dessa forma chega à consciência do que em realidade se passa. Este último pode chegar a salvar-se utilizando em seu benefício as próprias forças que observou, e o seu conflito: os outros serão levados fatalmente pela corrente.

O homem inconsciente dos conflitos de forças sociais e históricas ignorando o mecanismo dela, e entregando-se a Utopias e Miragens, não poderá fazer outra coisa senão deslizar à mercê das coisas. Ele integra-se por completo na sua mecânica, sem reagir contra ela, pois tal reacção não lhe é possível. Suas Utopias e Miragens são apenas outros tantos elementos que ele lança para o cego conflito de forças. E quando ele com tais Utopias se julga próximo do Céu, verifica com pasmo que foi ter ao Inferno.

O homem consciente das forças históricas e seus con-

(Continua na página imediata)